

Administrando o fisiologismo

MÔNICA GUGLIANO

BRASÍLIA — Na semana em que o Governo venceu um de seus mais importantes desafios, o presidente Fernando Henrique Cardoso passou também por um outro teste: o confronto da modernidade contra o fisiologismo. Criticado por uma suposta lentidão nas ações do Governo, Fernando Henrique pôde devolver as reclamações mostrando que, muitas vezes, projetos modernizadores esbarram em interesses corporativos no Congresso. Um exemplo foi a reforma administrativa da Caixa Econômica Federal (CEF) que, anunciada pelo Governo, foi bombardeada por parlamentares aliados que a consideraram negativa do ponto de vista político. Um deles foi o vice-líder do Governo na Câmara, Jackson Pereira (PSDB-CE), que criticou o presidente da CEF, Sérgio Cutolo:

— Essa interferência da área política na técnica foi apenas com a intenção de corrigir distorções. O político tem bem mais sensibilidade que o burocrata,

principalmente quando este é de cintura grossa.

Conciliar os interesses dos parlamentares com as propostas do Governo, quase sempre é uma tarefa difícil. Até porque aqueles interesses quase nunca são apresentados de forma explícita. O deputado Nelson Marchezelli (PTB-SP), coordenador da bancada ruralista, responsável por uma das mais duras derrotas do Governo no Congresso, cobra diálogo:

— Acho que Fernando Henrique tem que tentar suplantar esses interesses para que o país, como um todo, seja beneficiado. Para conseguir isso, ele terá que dialogar muito com os parlamentares.

Quando teve que defender os interesses do setor agrícola, Marchezelli organizou os ruralistas para derrubar o veto que acabou com a correção pela TR dos financiamentos agrícolas. Segundo ele, a bancada defende os interesses da agricultura baseada nas promessas de campanha de Fernando Henrique. Os argumentos de que não há recursos para bancar os ruralistas, não o sensibilizaram.